

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,  
DE TURISMO, PROPAGAN-  
DA, VIAGENS, NAVEGA-  
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III LISBOA, 20 DE OUTUBRO DE 1918 N.º 56

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA EDITOR: ANNIBAL REBELLO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
PAGAMENTO ADEANTADO  
ANO . . . . . 1\$40 || ESTRANGEIRO  
SEMESTRE . . . 570 || ANO . . . . . 3\$00  
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoarria) - TEL. 2337 C. - LISBOA

## O RELATORIO DA REPARTIÇÃO DE TURISMO

TEMOS presente o relatório d'esta prestímosa repartição do Estado, a cuja frente está o sr. Dr. José d'Atayde pessoa de alta competencia, assignalada já nos multiplos casos em que a sua energia e a sua tenacidade se tem evidenciado.

E' vulgar, no nosso paiz, fazerem-se relatorios para atrair a atenção dos dirigentes superiores de qualquer ramo de administração, mas que na pratica de pouco valem atenta a má e acanhada forma burocratica.

Na *Repartição de Turismo* trabalha-se; e a valer; e ninguém já mais ali entrou com um alvitre, com uma ideia, que não recebesse uma delicada atenção, e não visse coroado de uma grande boa vontade todos os seus desejos.

Ao folhearmos esse relatório, saltamos logo á vista uma bem clara esposição do que foi a cinematographia de Portugal, que a *Repartição de Turismo* levou a cabo, fazendo vir ao nosso paiz dois dos melhores operadores das casas Gaumont e Pathé, a que largamente se tem referido esta Revista.

A proposito devemos dizer que, nos paizes em guerra, principalmente na Alemanha, se trata afincadamente da divulgação das belezas naturaes e artisticas do paiz, pelo cinematographo, e por isso grato nos é registar, que não pensámos n'essa forma na propaganda depois dos outros a fazerem. Antes pelo contrario. Agora

que eles pensam realiza-la, já a nossa começa a sortir os seus efeitos, cuja oportunidade não podia ser mais feliz, visto estarmos no doce e feliz momento das negociações da almejada paz.

\* \* \*

A seguir á cinematographia, diz-nos o referido relatório o que foi o congresso hoteleiro, que a Repartição conseguiu realizar — a despeito de mil e uma dificuldades que surgiram — com um feliz resultado; resultado esse que ha pouco completou, distribuindo profusamente o relatório, com as theses e memorias, por todas as pessoas a quem elle podia interessar.

Depois insere uma bem elaborada exposição sobre estradas, e uma memoria a respeito da remodelação do Conselho de Turismo, de que destacamos este periodo para se avaliar a sua importantancia:

Art. . . . E' creado um Conselho Superior de Turismo, com as seguintes atribuições:

a) Centralizar todos os assuntos concernentes ao turismo; estudar o objecto e a conveniencia de novas ligações internacionais e maritimas; propõe o seu estabelecimento e o melhoramento das actuaes, no que respeita a comodidade, rapidez, facilidades aduaneiras, sanitárias, postaes, telegráficas ou outras, tendo em vista o desenvolvimento do turismo;

b) Estudar e promover o melhoramento das condições de transporte, circulação e hospedagem de viajantes no paiz;

c) Superintender sobre as estancias balneares e termas e sobre as estações de turismo, dando parecer sobre as suas reclamações ao Governo; estudando de acôrdo com as respectivas empresas a forma de as melhorar e aperfeiçoar, tendo em vista, sobretudo, o bem-estar e a comodidade dos hóspedes e o bom nome do paiz;

d) Fiscalisar o serviço dos hotéis, restaurantes, cafés e estabelecimentos congêneres, indicando os melhoramentos e aperfeiçoamentos a que devam obedecer, sob pena de não ser consentido o seu funcionamento;

e) Classificar as estradas de turismo, zelando pela sua conservação, tendo em vista, sobretudo, as facilidades do excursionismo automobilista;

f) Estudar e promover quaesquer melhoramentos, tendo em vista a comodidade e o bem-estar do público nos combóios, vapores, carros automóveis, trens, tranvias eléctricos, teatros, animatógrafos, etc;

g) Fazer, com oportunidade, no paiz, e principalmente no estrangeiro, a propaganda necessária para o conhecimento perfeito de Portugal como paiz de turismo;

h) Manter relações úteis de turismo com as Legações e Consulados, com as camaras municipaes e com as repartições e sindicatos similares nacionais e estrangeiros;

i) Estudar os motivos de turismo existentes no paiz e a criação de novos motivos como base dos serviços que incumbem ao Conselho.

Art. . . . O Conselho Superior de Turismo tem autonomia financeira.

Indica, tambem, a formação de uma comissão executiva, composta de um presidente, vice-presidente, secretario e mais 6 membros, dos que compõe o referido Conselho, cujas atribuições seriam:

a) Distribuir processos para consultas e pareceres;

b) Elaborar orçamentos, aprovar despesas e receitas;

c) Votar gratificações ao pessoal administrativo;

d) Fixar, sob proposta do director da Repartição, os ordenados do pessoal contratado;

e) Aprovar as propostas da Repartição respeitantes à propaganda e publicidade;

f) Organisar comissões de estudo de quaesquer dos assuntos enumerados no artigo...;

g) Examinar e aprovar as contas da gerencia;

h) Fixar a quantia de que o Director poderá dispor, sem ter de ouvir o Conselho, para acudir a quaesquer despesas extraordinárias;

i) Arrecadar quaesquer receitas por leis ou regulamentos especiais atribuídas ao Conselho;

j) Submeter à aprovação do Ministro as resoluções que importem despesa superior a 2.000\$00;

k) Submeter à aprovação superior as contas, findo o ano económico,

para serem apreciadas pelo Conselho Superior da Administração Financeira do Estado.

.....  
D'esta forma o Conselho e a Repartição de Turismo teram uma acção immediata e proficua em todas as coisas de turismo, cujo alcance dispensa encomios. Termina o Relatório com os pequenos assumptos tratados pela Repartição, como sejam: a cauda ás bilheteiras dos theatros e animatographos, que tão bom resultado tem dado; as legendas das fitas animatographicas em portuguez, e muitos outros assumptos.

Não queremos dar por findas estas linhas, sem aqui deixar consagrado os nomes do sr. Dr. Magalhães Lima, digno presidente do Conselho de Turismo, que, como os demais membros do mesmo Conselho tem trabalhado com a maior intelligencia e patriotismo na causa do Turismo, e bem assim o nome do sr. Alfredo Guimarães, digno secretario da Repartição de Turismo e devotado auxiliar do sr. Dr. Atayde.

riato, cuja idea temos acompanhado com o mais alevantado entusiasmo, encontramos em «A Monarchia» um brilhante artigo do illustre publicista sr. Hipolito Raposo, de que nos permitimos a liberdade de transcrever a parte que mais força dá a essa idéa e no qual se destaca e se evidencia flagrantemente a ingratidão dos portuguezes, para quem lhes devia merecer um culto perpetuo.

Diz Hipolito Raposo:

.....  
«A glorificação a Viriato ha de fazer-se no momento proprio, quando o farisaismo dos partidos tiver deixado de retallar o coração da Patria e já não sejam possiveis exhibições burlescas de politicos sem dignidade, com seus bandos de aventureiros a desvirtuar uma romaria de apoteose em que deve consagrar-se o primeiro simbolo de energia da nossa Raça. Ha que esperar a formação do estado da consciencia que as lições da politica e da guerra hão de criar em nome do obscuro fatalismo da historia. Tem de reflectir-se na educação dos lares e das escolas o culto da energia e o gosto da acção que se patenteiam como os caracteres mais definitivos das gerações novas, impondo-se-lhes como semi-deuses, para o exemplo do despreso pela vida, aqueles todos que formam a linhagem do nosso heroismo; Viriato, Afonso Henriques, Duarte de Menezes, Afonso de Albuquerque, Dom Sebastião, entre tantos que a fama canta nas estrofes de Camões.

«Para esse apprendizado de heroismo começariamos pelo mais distante, aquele que, na grave sentença de Lucius Florus, teria sido *Hispaniæ Romulus*, se o destino não o tivesse vitimado, e de quem Quinto Servilio Scipião só triunfou por traidoras mãos, *victoriam que non moruit, sed unit*, não ganhou a victoria, mas comprou-a, conforme o juizo duramente verdadeiro de Valerio Maximo.

«É facilmente se debuxan na imaginação, o movimento e o colorido ruidoso d'essa grande devoção nacional, levada a termo por vontade dos municipios das duas Provincias, oferecendo a todos os Portuguezes a hospitalidade ampla dos beirões que das cumeadas da sua montanha cobrem com os olhos metade de Portugal, e sonham a beleza da outra, desde as bandas de Hespanha ás orlas cinzentas do mar.

«Durante os dias e as noites d'essa semana, gloriosa e forte como uma olimpiada, subiriam as cordilheiras os estandartes dos concelhos do Paiz com os povos a seguir esse sinal de união eterna, na comunidade do san-

## NA SERRA DA ESTRELA

# A GLORIFICAÇÃO DE VIRIATO

ESTÃO ainda sonoros os ecos do ultimo congresso da Serra da Estrela, e a sua repercussão tem-se feito ouvir nos mais reconditos cantos d'este velho Portugal, d'este berço de heroes e santos, d'esta abençoada terra que gerou tantissimos lustres dos mais brilhantes, dos mais incomparaveis do mundo inteiro, de tão distinctos por seus feitos e heroismo que d'elles rezam as historias de todos os paizes, assignalando, como sulco impercível, os actos por elles praticados e que constituem um exemplo dignificador para a raça a que pertenceram.

A reacção que se está pronunciando em todos os campos em que a nossa vitalidade se exerce, pode-se aquilatar pelo esforço a que se abalançou essa pleiade de serranos, patriotas sobretudo, e illustres de raça, para quem o culto da terra natal representa a mais sublime das religiões, d'essa religião que anima a crença, enthusiasma a fé e acalenta a esperança.

A Serra da Estrela representa para os portuguezes um marco miliario da sua nacionalidade—d'esta nacionalidade a quem um homem deu a origem, que concebeu sob o influxo divino d'uma patria grande, destinada a ser

a mãe de epicos, de assombrosos e generosos feitos. Esse homem foi: *Viriato*.

Se o nome d'esse fundador da nossa nacionalidade está, para muitos, coberto pelas lhamas da ingratidão, para outros ele constitue uma pagina das mais gloriosas, da mais inesquecida lembrança — porque foi o seu nome o que se pronunciou antes, primeiro e unico n'esta terra que hoje é o Portugal dos Portuguezes.

Não lhe dão os compendios da nossa historia a retumbancia que a sonoridade do seu nome deve ter atravez os seculos; mas isso não obsta a que ele se conserve sempre impercível, acrisolado mesmo, como o d'um semi-deus, evocando essa inconfundivel figura, simbolica de magestade e de grandeza.

Procura-se agora perpetua-la, não, simplesmente, como testemunho de indelevel reconhecimento, mas como uma justa consagração, como um preito de legitima homenagem a quem foi dos primeiros entre os primeiros. Só ha a lamentar que tão tarde n'isso se pense.

— o —  
A proposito da glorificação de Vi-

gue, dos celeiros, da igreja, dos caminhos e das fontes.

«Seguiriam os carros de lavoura, enramados de flores, enfeitados de colgaduras, uns, conduzindo coros de gente moça, cantando as loiras trovas da ceifa e das vindimas; outros, ostentando as alfaias agrícolas, as ferramentas do trabalho, sob a benção azul de Deus, a descer para os campos e casais, sobre ovelhas e novilhos, paz e abundancia das varzeas e oiteiros.

«Por diversas estradas e caminhos, seria a Montanha abraçada por tantas procissões de gente que os seus flancos se cobrissem do tumulto festivo de um arraial sem termo.

«Ao alto, desenrolar-se-iam n'uma vasta exposição agrícola e industrial, os pergaminhos de nobreza do trabalho das duas Beiras, desde as mais primitivas industrias domesticas, até aos ultimos productos da mecanica fabril; os artefactos de verga e vime de Alcongosta e Gonçalo, as loiças do Telhado, de Idanha e de Moledos, que tanto guardam o ritmo plastico das eras antigas, os tecidos de Lamego e Covilhã.

«Os cereais, o azeite, o vinho, o queijo, as frutas cantariam ali a bondosa fecundidade da terra dos pomares e dos mostos, recebendo os expositores o estímulo dos premios para o seu labor sagrado.

«Uma grande orquestra, mais numerosa de quantas já vimos, proclamaria na mais bela composição, o louvor do Herói, para que a alma dos sons acordasse no peito leal e rude de tantos pastores e lavradores, a flama exaltante de fé na Patria, sobre o Monsalvato onde apredemos a primeira redenção, na graça de morrer, sorrindo.

«De noite, em projecções de largo plano, para serem vistas de todos, o cinematographo resuscitaria as velhas sombras dos lusitanos em sua grandeza barbara, cabelos soltos, adagas e lanças escuras, saias de lã e samarra; e depois, com a lição do mais perfeito rigor iconografico, as façanhas do Herói, a sua gloriosa vida, o seu funeral glorioso.

«Por ultimo seria revelada a estatua, em colossal figura de guerreiro, armado de escudo e lança, olhando eternamente o sol de Roma e a cuja face energica daria modelo um pastor dos Herminios.

«O mais glorioso pedestal seria uma rocha viva da montanha onde se gravariam os louvores de Viriato, nas velhas linguas cultas, como nos baixos relevos assirios se proclamam os feitos de heroísmo e crueldade, e a estatua seria ali a virtude da propria Terra, florescendo em força e ideal,

para que a defendamos com a espada e a cantemos no proprio combate.

«Ali seria o segundo baptismo da Raça para a regeneração a que a sujeita ineluctavelmente a dor expiatoria do seu sangue; e quando o bronze surgisse entre as aclamações do povo, nenhuma saudação mais alta do que a continencia d'um corpo de tropa de mutilados de guerra, como a mais proxima familia, os directos herdeiros do Herói Luzitano, na continuidade do seu esforço libertador.

«Pagando a divida a esse grande simbolo, a geração nova resgataria a vergonha do esquecimento de que o não salva a *estatueta* do Arco da Rua Augusta, e teria ressuscitado para a arte e para a intelligencia portugueza esse Sigried verdadeiro, sangue do nosso sangue, que sobre um trofeu de lanças e relhas de arado proclamasse por todos os seculos a paz da terra, o senhorio dos lares e dos tumulos.»

HIPOLITO RAPOSO.

## ARTE E LITERATURA

### A PINTURA PRIMITIVA EM PORTUGAL

O interesse que, nos ultimos tempos, os criticos e amadores de Arte têm consagrado á pintura *primitiva* dos varios países, isto é, á pintura anterior aos grandes mestres do Renascimento italiano, cuja influencia se fez sentir por toda a parte, estendeu-se tambem aos *primitivos* portuguezes, estudados por mais de um critico illustre, desde o inglês Robinson e o allemão Justi, até ao francês Bertaux.

As terras de Portugal, que abrigam os mais importantes e representativos nucleos da nossa pintura quatrocentista e quinhentista, constituiriam, pois, só por esse facto, ainda que outras circunstancias as não tornassem dignas de attenção, notaveis centros de *turismo*. E' o caso de Lisboa, Setubal, Evora, Thomar, Coimbra, Viseu, Lamego, Porto...

Descabido não será, portanto, que nesta Revista se condensem, em rapida synthese, as conclusões a que têm chegado os escriptores de Arte, nacionaes e estrangeiros, que da pintura portugueza dos seculos XV e XVI têm tratado.

\* \* \*

Como o rio Minho não constituia uma fronteira artistica impossivel de transpôr, os monumentos romanicos de aquem e alem esse rio não se distinguem uns dos outros. Formam uma só familia. A influencia dos edificios religiosos da Galliza é manifesta em muitos dos nossos. Ha, até, reproduções flagrantes. A sé velha de Coimbra — quem poderá negá-lo? — deriva de San'iago de Compostella e das sées de Tuy e Lugo.

Por esse tempo — está hoje provado — a pintura *a fresco* era praticada naquella região. A construcção da famosa cathedral dedicada ao apostolo da Hispania converteu a pequena cidade de Compostella em um fóco intensissimo de cultura artistica, donde irradiaram, sem duvida, architectos, imaginarios e pintores para a região comprehendida entre o rio Minho e a fronteira mahometana. Nenhum documento possuímos hoje da pintura dêsse remoto periodo. Perderam-se completamente os vestigios encontrados na crypta da igreja românica de S. Christovam, em Coimbra, demolida em 1860.

A illuminura cedo penetrou, tambem, em Portugal. Cita-se um retrato do Conde D. Henrique, tirado do natural, no frontispicio de uma Biblia que no celebre mosteiro cisterciense de Alcobaca se guardava. Na Bibliotheca e no Archivo Nacional, na Universidade de Coimbra, etc., ha codices illuminados de diferentes epochas (seculos XII-XVII), muitos dos quaes evidentemente estrangeiros, — franceses, flamengos, italianos.

Quanto a quadros (pintura em tabua), contemporaneos dos nossos primeiros reis, nenhum se conhece hoje. Citam chronistas um quadro que representava a tomada de Lisboa aos moiros em 1147 e que até ao terremoto de 1755 se conservou na igreja dos Martyres, então destruida; um retabulo da *Adoração dos Magos*, mandado pintar por D. Dinis e que, no tempo de Fr. Luis de Sousa (sec. XVII), existia ainda na igreja conventual de S. Domingos de Lisboa; os retratos dos monarchas portuguezes até D. Affonso IV, mandados executar por este prin-

cipe para o paço da Alcaçova (castelo de S. Jorge), etc.

Que, no seu reinado, a pintura era já exercida em Portugal—prova-o uma lista dos direitos de importação que se cobravam, desde o tempo desse monarcha e do seu immediato successor, elaborada, por ordem de D. Fer-



Nano Gonçalves

VENERAÇÃO A S. VICENTE

nando, pelo escrivão da portagem de Lisboa, lista na qual figuravam objectos para uso de pintores.

Seria a influencia italiana, actuando, porventura, através da Hispanha, a influencia naturalistica da escola de Giotto, aquella que então predominava? E' de crer. A existencia de um pintor de Florença na cõrte de D. João I acha-se documentalmente provada. Esse artista,—que ainda vivia em 1439, não podendo, portanto, haver sido discipulo directo do famoso artista italiano, mas devendo ser um representante do *giottismo*,—é designado nos documentos por—*«Mestre Antonio Florentim»*. Attribue-se-lhe um retrato de D. João I, que se encontra numa galeria de Vienna, e conjectura o sr. Dr. José de Figueiredo que seja obra d'elle, um *fresco*, muito repintado, de um dos altares lateraes da igreja conventual de S. Francisco, no Porto.

Francisco de Hollanda, artista e theorico do tempo de D. João III, refere-se a outro pintor, sem duvida italiano, que, no reinado do Mestre de Avis, trabalhou tambem em Portugal:—*«Mestre Giacomo»*.

Em contraposição, por 1436, vivia na Itália um artista português,—*«Alvarus Petri»*, isto é, Alvaro Peres, ou

Pires, que, segundo Vasari, pertencia á escola de Sienna.

Na igreja de Salzedas, conservam-se duas tabuas do seculo XV, da escola florentina. Representam dois santos, de pé, sobre uma especie de balcão, que dá para uma paisagem.

O influxo da arte flamenga, cuja technica era objecto da admiração dos proprios artistas italianos, attingiu tambem o nosso país. Em fins de 1428, chegou a Lisboa a embaixada de *«Messire de Roubaix et de Herzelles»*, que vinha pedir, para o Duque de Borgonha, Philippe, o *Bon*, a mão da infanta D. Isabel. Acompanhava-o o celebre pintor Jean van Eyck, *varlet de chambre* do duque, e *excellent maistre en art de peinture*, o qual trazia o encargo de pintar, *bien au vif*, o retrato da infanta. Dessa missão se desempenhou o grande mestre flamengo em Avis (onde então estava a cõrte), durante o periodo das negociações—12 de Janeiro a 12 de Fevereiro de 1429. Jean van Eyck percorreu depois a maior parte do país e algumas regiões da Hispanha, permanecendo na Peninsula durante quasi



Nano Gonçalves

VENERAÇÃO A S. VICENTE

um anno. As suas obras foram procuradas com entusiasmo.

As nossas antigas relações, politicas e commerciaes, com a cõrte de Borgonha e com algumas cidades flamengas, como Gand e Bruges, simultaneamente centros de commercio e de Arte, deviam ter do mesmo modo contribuido para que a pintura naturalistica dos predecessores dos celebres irmãos Van Eyck actuasse em Portugal.

Com o vencimento do castelhano

no glorioso dia de Aljubarrota, Portugal, já com a plena consciencia da sua nacionalidade, firma a sua independencia e entra numa phase de relativa prosperidade. Mercê do cumprimento dos votos feitos por D. João I, por occasião das luctas com Castella, a architectura recebe poderoso impulso;



Nano Gonçalves

VENERAÇÃO A S. VICENTE

e, com a architectura, certamente a pintura. Devem ter sido então pintados retabulos para os altares das igrejas da Batalha e de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães (1). Os novos paços do rei *de Boa Memoria* empregaram tambem, certamente, esculptores e pintores. Os filhos desse monarcha—*«alta geração, inlytos infantes»*, no dizer de Camões,—são principes intelligentes e esclarecidos. D. Pedro trouxe, sem duvida, das suas longas viagens, alem do famoso livro de Marco Polo, mapas, illuminuras, quadros. Seu filho possuía uma valiosa collecção de pannos historiadados, herdada, provavelmente, do pai. Suppõe o sr. Dr. José de Figueiredo, em face de um documento relativo a Affonso Gonçalves, que o infante D. Pedro tinha pintor proprio. D. Henrique, o solitario de Sagres, era tambem possuidor de muitas pinturas, como se vê de um inventario, aliás bastante incompleto, que se conhece.

D. Affonso V, culto, rico, generoso em extremo, protege dedicadamente a sciencia, as lettras e a arte. A pintura

(1) Um dos antigos quadros da Batalha está reproduzido, linearmente, num album de Sequeira, que se encontrava na bibliotheca do rei D. Carlos, no palacio das Necessidades.

foi então largamente cultivada em Portugal. Na segunda série da sua *Notícia de alguns pintores portugueses* dá-nos o erudito Sousa Viterbo uma lista, bastante extensa, de artistas que trabalharam no tempo do illustrado monarcha. E, meado o seculo XV, exerciam a sua arte em Hispanha, segundo um documento publicado por Sampere y Miquel, os pintores portugueses Fernão Ximenes, Vasco Fernandes e João de Paiva.

Nessa brilhante pleiade, figura, primordialmente, Nuno Gonçalves, que Francisco de Hollanda coloca entre os grandes mestres da pintura, entre os artistas que elle appellida de *Aguias*. Das obras que Hollanda lhe attribue existem ainda os dois triptycos que pintou para a capella de S. Vicente na sé de Lisboa e que, depois de haverem permanecido durante largos annos na residencia dos patriarchas, foram encorporados no Museu Nacional de Arte Antiga, já então restituídos ao seu primitivo estado, mercê de um

delicadissimo trabalho do sr. Luciano Freire, e identificados e estudados pelo sr. Dr. José de Figueiredo. Esses seis quadros constituem uma obra eclectica, na qual, todavia, é mais sensível a acção da pintura italiana, derivada do *fresco*, do que a influencia da pintura flamenga, derivada da miniatura; —aquella, revelada na intenção geral e na ausencia de um ambiente definido; esta, manifestada no emprêgo de processos van-eyckianos — como, por exemplo, as velaturas.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, que, em 1895, se occupou destas famosas tabuas, considera-as pintura *historica*. De facto, se não representam qualquer successo *historico*, tambem não reproduzem alguma das scenas da vida de S. Vicente; e, como em volta da figura do santo, se agrupam, em veneração, representantes de todas as espheras da sociedade portuguesa do tempo, ha fundamento para capitular de *historicos* os dois triptycos do notabilissimo artista portugês do seculo

XV, cuja technica é tão perfeita, que o mallogrado critico francês Bertaux considera «um dos milagres da pintura antiga» o modo como estão reproduzidos os habitos brancos dos frades que povoam um dos quadros menores.

Da officina de Nuno Gonçalves provêm, sem contestação, os quadros *S. Theotónio, S. Francisco e S. Paulo*, que, do paço patriarchal de S. Vicente, foram tambem transferidos para o Museu de Arte Antiga—embora o seu merito seja escasso. De um dos artistas do tempo de D. Affonso V, Alvaro Gonçalves, sabe-se, documentalmente, que, em 1460, o encarregou o arcebispo de Evora de pintar, pela avultada somma de 110.000 reaes, para o altar de Nossa Senhora do Espinheiro (cercanias daquela cidade) um triptyco de grandes dimensões.

(Continúa.)

D. JOSÉ PESSANHA.

## FITAS PORTUGUESAS

### SOBRE A LINHA FERREA

A parte mais interessante da operação cinematographica era a que estava para se efectuar á nossa volta das terras do Minho, sobre a li-

Chegámos á Regoa á noite. No hotel onde nos alojámos, fomos recebidos por um criado desatencioso com tantas amabilidades, pois das que a

esmo nos atirava a proposito de tudo, nos fez compreender logo que, n'aquella casa, não havia mais do que uma bajolice hedionda e enervante.

No dia seguinte, ás 9 e meia, partiamos para a Barca d'Alva. A manhã estava macia, mas enovoadá. O digno inspector do movimento sr. Fernandes, acompanhava-nos no vagão



Paizagens de Entre-os-Rios



Uma paisagem Durienne

nha ferrea, n'um vagão engatado á frente da machina e marchando vertiginosamente sobre os carris.

O digno director dos Caminhos de ferro do Minho e Douro, sr. Alvaro de Castelões, tinha-nos concedido amavelmente um comboio especial, para os percursos mais impressionantes das linhas do Douro, da Regoa a Barca d'Alva e da Regoa a Vidago.



PEDRAS SALGADAS—Uma das ruas do Parque

armado em plataforma cinematographica. Quem nunca teve a sensação do abismo, deve fazer uma viagem d'estas.

A machina avança veloz e energica, empurrando o nosso vehiculo, dando-nos a impressão, nas curvas apertadas da linha, de nos atirar ao rio. O operador, acostumado áqueles trabalhos, tomou o seu lugar, com um desinteresse de quem não

conta com perigos; e os primeiros penedros escarpados, entre eucaliptos solitários e tristes, passam pelo aparelho como uma visão, como um relâmpago.

Casaes alegres e espertos, alastrando a sua brancura entre as arribas alcançadas dos vinhedos que descem até ao rio, perpassam pela lente animatographica n'um doce esvoaçar de pombas brancas; penedias brutas como tragedias, ofuscam a paisagem, n'uma mutação diabólica de imprevisão. Chegámos ao tunel da Valeira, onde o Douro se aperta entre duas montanhas, e duas altas lages subindo a pique até ao alto onde alveja a capelinha de S. Salvador do Mundo, guarda fiel e vetusta das sinistras paisagens do vale do Douro que nos obriga a uma detença e a variadas operações.

D'ali á Barca d'Alva, foi demorada a viagem. Uma ponte que atravessa uma ribeira, onde a agua passando pela azenha, onde uma cascata de tela de oleographia barata, fez o operador atestar o aparelho para a reter, para lhe registar os movimentos, enquanto o moleiro, como se ensaiado fosse, tira, com uma lentidão meticulosa, da albarda do macho paciente, os sacos de trigo que em breve a mó atarefada reduzirá á alva farinha de que faz o pão.

Eu não conheço nada mais triste que essa paisagem de eremiterio do Alto Douro. Mas é uma tristeza que comove e alegra ao mesmo tempo. Ha montanhas escarpadas onde só a amendoeira, humilde e rachítica, medra, e que ao elevar ao ceu os seus brancos, de um verde requemado, parece suplicar uma gota de orvalho que lhe dê vida.

Mais felizes foram os eucaliptos que o caminho de ferro, ao estender a sua estrada de aço pelas trincheiras aplainadas, plantou á beira do rio onde vão buscar a seiva.

Todo este percurso aspero e suavemente triste, passou pela objectiva até á Barca d'Alva, onde se finalizou a pelicula com o comboio hespanhol passando na ponte internacional sobre o Agueda.

No dia seguinte, a jornada para o Vidago, foi como a de Barca d'Alva, iniciada pela manhã; e é justo aqui frisar a dedicação e as amabilidades do pessoal do Minho e Douro, que compenetrado do alto valor patriótico da exhibição, no mundo inteiro, das paisagens sublimes, que ele por certo adora, ou por instincto de cortezia, se prestou com a mais grata vontade a tudo auxiliar.

Logo á entrada do Corgo houve

um grande compasso de espera, pelos motivos caprichosos que a paisagem e a linha, em desafio, mostram ao viajante.

A machina trabalhava para todos os lados. O horizonte, ainda que acanhado, era vasto pelo excelente reducto que o vagão, na vanguarda da machina, oferecia.

Ainda estavamos a meio caminho de Vila Real, já uma caixa de fita tinha desaparecido nas impressões d'esse doce vale, que uma serpente preguiçosa não traçaria melhor.

Em Vila Real, vi desejos ao operador de não mais abalar. A enorme cascata do Corgo, os moinhos e as lavadeiras do rio tinham prendido tanto a sua atenção que respondia ás minhas observações, da partida do comboio, do pessoal que estava á espera com: *Oh! la Suisse! Très joli! Merveilleux!*

N'este trajecto tivemos um numero interessante: um filhinho do sr. Guimarães, inspector do caminho de ferro, quiz entrar na fita, e com o cabelo cahido sob um chapéu alto, quasi do tamanho d'ele, parecia um Max Linder, em veligiatura por Portugal, sahindo-se admiravelmente do seu papel.

Emfim lá partimos. Duas ou tres horas depois estavamos em Vidago, onde o magestoso *Palacio-Hotel* e o imenso parque em que a arte creou anais, finalizou a pelicula do Vale do Corgo.

Faltava o Vale do Tua, e a companhia Nacional tinha proporcionado todas as facilidades, menos um comboio especial, mas que foi até certo ponto compensado pela atenção e amabilidade do sr. Verissimo, chefe de serviço do movimento d'aquelas linhas, que nos deixou captivo de tantas cortezias.

A paisagem é, talvez, para o efeito da cinematographia, a mais encantadora de Portugal.

Desde o viaduto das Fragas Más até Abreiro, é um dedalo de penedias sobrepostas que parecem querer desabar ao rio.

Por entre as estreitas frinças das lages sahem braços magros de giestas e medronheiros, como se fosse da propria pedra bruta que se alimentassem.

Altos pinheiros, do cimo da montanha espreitam a paisagem; e sobre toda aquela aspereza, cahia n'essa tarde de abril um sol a pino, pondo manchas fortes de luz, que contrastavam em furta-côres com as sombras dos silvados e dos giesteiros.

A' tardinha chegavamos a Miran-

dela, onde se nos ofereceu um belo quadro: a sua ponte, a que a tradição popular deixou esta quadra:

*Oh! ponte de Mirandela  
Tinhas vinte e cinco alhaes  
Ainda hoje eu os contei  
Tens desoito, não tens mais.*

Pois agora a famosa ponte só já tem 17, mercê d'um temporal que a destruiu e a economia publica que lhe suprimiu um d'les.

Chegámos derreados ao hotel da terra, conhecido familiarmente pelo *José Maria*, mas cujo serviço não se equipára á modestia do nome; e ali, depois de um jantar pantagruelico, servido por uma mocetona transmontana de boas carnes e de olhos pestanudos, repousámos com confortada delicia.

GUERRA MAIO.

## PORTUGAL

### Preparando-se para a Paz

**E'** este o titulo d'um folheto que acaba de ser distribuido pelo Paiz, com o fim de fazer a propaganda d'uma fita cinematographica destinada á divulgação de Portugal no Brazil.

Essé folheto não traz qualquer indicação por onde se possa deprender a sua origem. E', portanto, uma publicação anonyma, expressamente prohibida por lei.

Isto, só por si, bastar-lhe-hia para reduzir o seu valor ás devidas proporções.

Todaya, n'ele se estabelece um programa, não se sabendo quem assume a responsabilidade da sua execução, nem as garantias que oferece.

Se bem que ahi se diga que o Governo lhe dispensa o seu *apolo moral*, julgamos que nem a Repartição official de Turismo — unica entidade representativa do Estado em materia de turismo — nem a Sociedade Propaganda de Portugal, que são as instancias incumbidas da propaganda turistica do nosso paiz no estrangeiro, concederam qualquer auxilio á essa obra.

E a nossa suposição é baseada não só na falta de referencia clara e convincente a esse apoio, como tambem ao programa que o folheto insere, que, pela forma porque se acha exposto, nunca podia merecer a sanção de qualquer das duas entidades officias.

N'ele se diz que o plano do *film* que os anonymos se propõem estabe-

# A NAVEGAÇÃO AEREA

## O GRANDE PROBLEMA DO FUTURO

### II

lecer e que se denominará Portugal, impressionará o Presidente da Republica, Ministerio e Camaras legislativas; o Exercito e a Marinha; industria; commercio; colonias; *turismo*.

Não ha duvida de que é bastante vasto e completo esse programa, que a referida pelicula mostrará em variadas partes, como os crimes do *Ravengar*.

Não sabemos até que ponto essa empreza será conduzida; mas não auguramos bons resultados do seu termo.

A propaganda do nosso Paiz, seja onde for, só pôde e deve ser feita por quem de direito, para que possa merecer o credito necessario e produzir os beneficios que d'ahi se devem esperar. Para isso ela tem de ser acompanhada por uma successão de factos que só as auctoridades competentes pôdem proporcionar aos funcionarios officiaes que para esse fim sejam nomeados.

Pensamos, pois, que essa *genial empreza* não dará os resultados previstos pelos seus organisadores, simplesmente por lhe faltarem as bases essenciaes e todas as garantias de exito.

Não é nosso intento opôrmo-nos á sua execução, nem tampouco, contrariar essa iniciativa particular. Seriamos, mesmo, os primeiros a prestar-lhe todo o nosso concurso, se lhe encontrassemos viabilidade, o que não seria difficil desde que as instancias competentes a patrocinassem e lhe concedessem todo o auxilio que é indispensavel para que uma semelhante idéa possa produzir resultados beneficios.

Acresce, porem, á circumstancia do seu anompnato o facto da cinematographia ter sido já aproveitada sabiamente pelo Conselho de Turismo para a propaganda de Portugal em todo o mundo; estando já impressas diversas peliculas com os motivos naturalmente indicados para esse fim.

Sob esta ordem d'idéas duvidamos pois, do bom exito d'essa empreza e achamos, até, não só pela falta d'indicação de responsabilidade, como pelo vastissimo programa que ela se propoz—em que tambem entra uma missão especial do Brazil, cujos membros são igualmente anonymos—que a sua execução—a ser levada a efeito—poderá prejudicialmente influir na propaganda official que oportunamente deverá ser feita em terras de Santa Cruz.

Por ser sobremaneira interessante a apreciação das phases porque está presentemente, no estrangeiro, passando este transcendente assumpto, que, dentro em pouco, ha de constituir-se em uma questão vital, proseguimos hoje no relato das informações que pudemos colher nas revistas estrangeiras da especialidade.

Todas elas debatem a questão com o poder dos seus argumentos baseados em dados technicos; servindo-se para isso dos estudos já feitos, dos ensaios realizados e das experiencias já postas á prova.

Um dos paizes em que esse problema tem sido apreciado cuidadosamente, é a Italia, onde já existe uma comissão especialmente nomeada para estudar a prática dos correios aereos.

Essa comissão, que foi instalada ha alguns mezes pelo ministro dos Correios sr. Luigi Fera e da qual faz parte o illustre sabio Augusto Righi, acaba de dar por terminados os seus trabalhos, devendo, em breve, apresentar áquele Ministro um longo relatório sobre o primeiro periodo do serviço postal aéreo, que já foi inaugurado o ano passado entre o continente italiano e a ilha Sardenha.

Todavia a resolução do problema relativo aos correios aereos não se tem limitado á Italia; pois que entre a França e a Inglaterra ha entabuladas negociações para ser instituido um serviço postal diario, ligando assim, rapidamente, os interesses dos dois paizes. Em principio, o acordo entre eles é completo; faltando, apenas, fixar uns pontos de detalhe para que, na devida oportunidade, esse serviço seja iniciado. Este projecto relaciona-se, porém, muito intimamente com o desenvolvimento das comunicações internas, em França, por meio da viação aerea, a qual deverá pôr Paris, não só em comunicação rapida com as principaes cidades francezas, mas, ainda, com as colonias para onde derivará uma importante parte da sua rede postal pelos ares.

Segundo parece, a execução d'estas experiencias constitue o preludio d'um vasto systema de comunicações rapidas entre as nações da Europa que se aliaram para a tremenda lucta que, segundo as melhores previsões, está, felizmente, a chegar a um termo.

A respeito d'este programa diz a *Rivista dei Trasporte Aerei*, que é dirigida pelo Principe de Scalea:

«Em consequencia dos acordos celebrados entre a França e a Inglaterra, o novo serviço postal aéreo deverá ser assegurado por aparelhos nacionaes, o que garante o desenvolvimento da respectiva industria, de harmonia com o programa de cada paiz.

E acrescenta:

«Em presença d'estes factos, nós permitimo-nos chamar a atenção dos poderes responsaveis sobre a necessidade, que se nos afigura urgente e immediata, de se examinar se o accordo estabelecido entre os dois paizes pode ser extensivo á Italia, prolongando-se a linha Londres-Paris por Marselha, Genova, Roma e Brindisi, continuando depois sobre o Oriente.»

Não duvidamos que a Italia consiga os seus desejos, como uma primeira compensação dos esforços da sua ação na presente conjunctura.

Se, realmente, se pensa na instituição d'uma rede aerea postal entre os paizes da Europa, ora aliados, devemos esperar que Portugal assim seja contado; mas certamente para isso será preciso que nos façamos lembrar para não ficarmos no esquecimento,

... A menos que nos aconteça o que succedeu por occasião da inauguração do Canal de Suez.

Como já acentuámos, a viação aerea está hoje na ordem do dia. Na peninsula escandinava projecta-se estabelecer um serviço quotidiano ligando rapidamente Malmö com Stockolmo, e uma linha directa entre esta cidade e Berlin.

Na Alemanha pensa-se tambem na organização d'uma Sociedade Cooperativa com o capital de 1.500.000 marcos, para o estabelecimento d'um serviço aéreo de comunicações entre Berlin e Constantinopla.

A America do Norte, pelo seu lado, resolveu já a criação de sete grandes linhas, das quaes quatro serão expressamente destinadas ao serviço do interior, e as tres restantes entre as cidades do litoral. O plano geral para esse fim, recebeu já a aprovação do Aereo-Club-Americano e a sanction do almirante Peary, presidente do «Comité» dos postos aereos, encarregado da sua instalação.

Segundo o que está assente, essas sete linhas serão baptisadas com os nomes dos pioneiros da aviação e dos homens politicos que, d'algu



maneira, tem favorecido o desenvolvimento d'essa apreciável forma de locomoção.

As quatro linhas transcontinentaes atravessarão todo o território da America do Norte, estabelecendo, assim, a ligação entre o Atlantico e o Pacifico. A mais septentrional d'elas—a linha *Chamete et Bell*, irá de Boston a Seattle, servindo as principais cidades intermedias. A nomeada *Woodrow Wilson* unirá directamente New-York a San Francisco, passando por Cleveland e Chicago.

A *Langley* partirá de Washington para terminar em Los Angeles. Por fim, a linha *Frères Wright* sahirá tambem de Washington; e depois de atravessar a Carolina do Norte, a Georgia, o Alabama, a Louiziana, o Texas, o Novo Mexico e o Arizona, chegará a San Diego, na California.

As tres linhas do litoral seguirão as costas americanas de Bangor a Key-West, d'este porto á emboadura do Rio Grande, sobre o Atlantico, e de Saint-Diego a Puget-Sound, no Pacifico.

Não obstante o grande incremento que a navegação aerea tem tomado, registando-se já os progressos do problema da aviação nas suas mais intrincadas manifestações, com prenuncios d'um exito absoluto, não existem ainda as cartas-pilotos que satisfaçam as necessidades d'esse novo e futuramente pratico meio de transporte. Os aviadores tem-se servido, até agora, das cartas militares, onde marcam a côres bem salientes, os principais pontos para a *atterrissage* natural ou forçada.

A comissão de aeronautica civil internacional, instituida nos Estados Unidos da America sob os auspícios do Aéreo-Club, da Liga-Aérea e da Federação Aeronautica Panamericana, tem-se dedicado ao estudo do assumpto, tendo já traçado os planos para a elaboração d'uma carta aerea do mundo.

Este longo e minucioso trabalho realisar-se-ha com a cooperação das instituições scientificas dos paizes aliados interessados na navegação aerea.

Alguns representantes d'essa comissão acham-se presentemente na Europa, a fim de angariarem o maior nu-

mero possivel de indicações e de elementos indispensaveis para a realização d'esse importantissimo trabalho, que incalculaveis beneficios vem trazer á néva industria de transportes.

Ao mesmo tempo, essa delegação procura resolver as suas impressões sobre os progressos no novo ramo de cartografia.

O Congresso convocado para a occasião da exposição d'aureonautica panamericana, que devia ter-se efectuado em New-York, de 16 a 23 de fevereiro ultimo, ocupar-se-hia, sem duvida, d'esta grande empreza. Porém, esse congresso não poudo ter lugar em virtude d'uma disposição do presidente Wilson, que prohibiu, durante o estado de guerra, as exposições nos



EM VIDAGO—O monumental Palace-Hotel

Estados Unidos.

Isso não impede, todavia, que os estudos prosigam o seu natural curso, com tanto mais entusiasmo quanto mais perto se está pronunciando a oportunidade de se chegar á applicação pratica da incognita quasi resolvida.

## LINHA DE CASCAES

**P**ARECE que o horario de inverno da linha de Cascaes, será quasi igual ao de verão, mantendo-se assim um elevado numero de comboios.

Segundo nos consta, por esse motivo muitas familias que no inverno passado vieram para Lisboa ficarão ali a residir.

## EXPEDIENTE

**Em virtude da falta da electricidade que tem originado graves e numerosos transtornos á industria, de que as nossas oficinas tem largamente partilhado, somos forçados a distribuir o presente numero com bastante atrazo.**

## Nas thermas de S. Pedro do Sul

**E**M S. Pedro do Sul, está constituído um grupo de capitalistas, com o sr. Sebastião Rodrigues Pereira á frente, para a construcção de um hotel moderno nas Thermas de S. Pedro do Sul.

Segundo nos informam, esse grupo dispõe de um capital de 200 contos, pensando fazer um estabelecimento dotado de todo o conforto, e com ligação com o balneario por meio de uma galeria envidraçada.

Como estas thermas são as mais quentes do paiz, está naturalmente indicada a ligação directa do banho ao quarto sem que o banhista esteja sujeito ás correntes do ar.

A realização d'este importante beneficio vem encarecer o já afamado valor das Thermas de S. Pedro do Sul.

## MUSEUS

### PATENTES EM LISBOA

**M**USEU DE ARTE ANTIGA, as Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, as quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

**MUSEU ANTROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA.** Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

**MUSEU ARQUEOLOGICO.** Largo do Carino, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhado até 6 senhoras), \$20; crianças gratis.

**MUSEU DE ARTILHARIA,** largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

**MUSEU D'ARTE contemporanea.** Edificio da Bibliotheca Publica.

**MUSEU BORDALO PINHEIRO,** Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

**MUSEU DOS COCHES.** Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

**MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO** Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

**MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ,** Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

**MUSEU DE HISTORIA NATURAL,** Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

**MUSEU NUMISMATICO,** Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

**MUSEU PEDAGOGICO.** Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as feiras, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

**MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA,** na Misericordia ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30 outros dias, licença especial.